

## **O PADRE FORMIGÃO, OS PASTORINHOS E AS RELIGIOSAS REPARADORAS DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA**

O Senhor Cónego Formigão que nunca aceitou em vida nenhuma homenagem pública, foi alvo no seu cortejo fúnebre de uma glorificação triunfal. Na Basílica de Fátima se efectuaram as Exéquias e solene Pontifical, com a presença do Cabido da Sé de Leiria, numerosíssimo clero vindo de perto e de longe, com os representantes do nosso Episcopado, e membros de todas as Congregações Religiosas de Fátima e uma onda numerosa de muito povo. Isto foi estranho e extraordinário porque o Cónego Formigão em vida, sempre se escondeu e fugiu de aplausos. Mas até Nosso Senhor interveio, porque ao passar o cortejo junto da Capela das Aparições, o Senhor Vigário Capitular (D. João Pereira Venâncio) que presidia ordenou que se detivesse uns momentos e todos rezassem em coro a Avé Maria.

Depois junto da Igreja, o “venerando Prelado agradeceu a comparência de todos. Agradeceu primeiramente em nome da Diocese de Leiria e do Santuário de Fátima, depois em nome das Religiosas Reparadoras. E tendo afirmado que havia a certeza moral de que ele gozava já da visão beatífica, acrescentou: “Com a sua acção e a sua pena ao serviço dos acontecimentos de Fátima, em cuja sobrenaturalidade logo acreditou, o Senhor Cónego Formigão antecipou-se à Igreja que bem serviu. Depois dos Pastorinhos ele foi o instrumento escolhido por Nossa Senhora para garantir a autenticidade desses grandes acontecimentos. Por isso a Diocese de Leiria, o Santuário de Nossa Senhora, Portugal

inteiro, o mundo todo, estão gratíssimos à memória deste Sacerdote”. E acrescenta o autor que nos conservou estas palavras: “Bem merecido louvor!” (*Joaquim Maria Alonso, O Dr. Formigão, Homem de Deus e Apóstolo de Fátima, Fátima, 1979, p. 88*).

Confesso que até certo ponto, esta cena magnífica de apoteose que acompanhou o Venerando Cónego Formigão, não deixou de me causar, quando a reli, certo espanto.

Ele foi de facto o grande Apóstolo de Fátima mas escondeu-se até no pseudónimo de Visconde de Montelo e outros o foram copiando. “Pode-se dizer, afirma o Dr. Sebastião Martins dos Reis (*A Vidente de Fátima Dialoga*), que ele aguentou sozinho toda a responsabilidade e exigências intelectuais nas “*Aparições*”, nos “*tempos heróicos*” que se seguiram. E mesmo depois, ainda foi a fonte e arsenal de muitos escritores de Fátima que só o repisavam sem o citarem. O “clássico” Ti Manuel Marto, pai dos videntes Francisco e Jacinta, viu bem e disse bem, como sempre aliás: “O Senhor Doutor Formigão é que foi a chave de tudo isto. Foi um grande homem!” Pois bem, ele soube que o copiavam, viu e nunca protestou...

Ele foi o Fundador das Religiosas Reparadoras. Mas afirmava que não era ele o fundador e aponta em vários lugares o Sr. D. José Bispo de Leiria, o Sr. Arcebispo de Évora, e até, por impossível que pareça, a fundadora das Servas de Nossa Senhora de Fátima. Chega a escrever ao Senhor Bispo de Leiria: “V. Ex. cia Rev.ma perdoar-me-á a franqueza mas devo dizer que eu seria louco se pensasse em fundar um Instituto Religioso não tendo categoria nem missão para isso”. Já noutra lugar procurei explicar o sentido destas humildes palavras de quem se retira e procura sempre o lugar escondido.

Por isso afirmei que não deixei de sentir certo espanto quando comparei a cena magnífica da apoteose do seu enterro com o escondimento que ele sempre buscou intensamente em vida.

É evidente que a verdadeira explicação é a do Evangelho: “Os humildes serão exaltados?” Ele procurou sempre a humildade, Deus exaltou-o e não só naquele momento final, mas depois e ainda agora essa exaltação continua. Começou logo pela voz autorizada de todos os Prelados com quem conviveu e a quem serviu: o Patriarca de Lisboa, o Arcebispo de Évora, o Bispo de Bragança e o Bispo de Leiria.

E as suas Religiosas Reparadoras sempre descobriram nele o homem de Deus, digno de aceder à veneração dos altares. Falta, porém, que não fiquem apenas em palavras e se dediquem ao trabalho de promover o seu processo canónico...

Tudo o que acabo de expor, tende apenas a permitir-me concluir que o Cónego Formigão porque foi humilde homem de Deus, foi escolhido para Apóstolo de Fátima.

O Espírito de Deus que governa os acontecimentos do mundo e especialmente os da Igreja não força, não impele, não empurra. Isso fazem os homens! Ele oferece, prepara, desperta a nossa adesão. Deus respeita e ampara a nossa liberdade. Como Ele destinara o Cónego Formigão para Apóstolo de Fátima, preparou-o como homem íntimo de Deus, como homem da Igreja e finalmente como homem de Maria, Mãe da Igreja. Vede como o acompanhou, sem que o Cónego Formigão talvez desse por isso.

“Apenas sacerdote, ordenado em Roma, na sua viagem de regresso a Portugal, uma devoção muito particular e muito sentida leva-o a Lourdes. E lá passou um mês como sacerdote levita, acompanhando

peregrinos, servindo os doentes, assistindo a curas, observando, rezando, compreendendo a mensagem de Lourdes para a França. Especialmente o penetrou a voz do Prelado de Valence afirmando num sermão que a recristianização de França era fruto das peregrinações diocesanas à cidade da Imaculada. E escreve: “profundamente impressionado por estas palavras que me pareceram a revelação de um segredo, fui prostrar-me aos pés de Nossa Senhora de Lourdes na Gruta e pedir-lhe a graça de ser um dos mais ardorosos propagandistas do seu culto em Portugal. Fiz promessa de consagrar toda a vida a essa doce tarefa”.

Mais tarde compreendeu que a sua promessa afinal se referia a “Fátima”. (*Caminho Espiritual*, pp.19-20). Numa carta dirigida ao Cardeal Gonçalves Cerejeira explica assim a sua mudança: “ De 13 de Maio a 13 de Outubro de 1917 verificaram-se as aparições de Fátima, A principio não acreditava na sua sobrenaturalidade nem na sua realidade. Lourdes enchia-me a alma e o coração. Não havia numa e noutra o mais pequeno espaço para Fátima. Todo o meu empenho era provar a inabilidade das aparições anunciadas pelos pastorinhos da Serra d’Aire. Mas isso obrigou-me a estudar de perto os acontecimentos que se desenrolaram na Cova da Iria e esse estudo acabou por me convencer da sinceridade dos videntes e da verdade das suas afirmações” (*Ob. cit. pág. 96*).

Até aqui apontámos o caminho de Deus do Padre Formigão para Fátima

E o dos Pastorinhos? Também eles foram preparados para a sua missão de larga repercussão nos nossos tempos directamente pelo Espírito.

È evidente que uma criança, e logo três! não estavam habilitadas a compreender quanto mais a lançar uma mensagem tão vasta, densa e

evangélica como a de Fátima. Precisavam primeiro de possuir maturidade e depois alcançar compreensão de um mistério divino de tão profunda ressonância na vida dos homens. Uma criança leva tempo a alcançar esta maturidade; ordinariamente não a tem. Há exceções e encontram-se pequenos génios precoces como aconteceu na música, no piano, no desporto... Um congresso de peritos em psicologia, filosofia e ciências reuniu-se em Roma e, à face da história, concluiu que de facto houve exceções e os pastorinhos de Fátima constituíram uma verdadeira exceção de maturidade e responsabilidade pessoal. Foi um dom excepcional de Deus que lhes foi concedido e instruído através das aparições angélicas.

Lúcia, referindo-se a uma das aparições na colina do Cabeço, afirma que viu com as companheiras “uma como que nuvem, mais branca que neve, algo transparente, com forma humana” (*Mem. II e IV*). As companheiras reproduziram rigorosamente o “sucedido”, o que lhes mereceu comentários escarninhos do povo e a indiferença das famílias. Mas as grandes e claras manifestações angélicas foram três e vieram mais tarde, em 1916; tiveram como destinatários os pastorinhos Francisco, Jacinta e Lúcia” (*F. Leite, a Jacinta de Fátima, nº 46*).

Nessa altura rezavam o terço abreviado, com afã de brincar, passando as contas e dizendo apenas as primeiras palavras da Avé-Maria e do Pai-Nosso. Jogaram depois as pedrinhas. Um vento sacode as árvores apesar de o dia estar sereno. Então sobre o olival, encaminhando-se para eles, surge a tal figura que Lúcia já tinha visto mas não a Jacinta e o Francisco. Era um “jovem” de 14 a 15 anos, mais branco que se fora neve, que o sol tornava transparente, como se fora de cristal e de uma grande beleza. Lúcia confessa: “Estávamos surpreendidos, e meio absortos, e não

dizíamos palavra” (*Mem. IV*). Na primeira aparição ensinou-os a rezar: “Não temais! Sou o Anjo da Paz. Orai comigo: “Meu Deus eu creio, adoro, espero e amo-vos. Peço-vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não vos amam “. Depois de os ensinar ergueu-se e disse: “Orai assim. Os corações de Jesus e de Maria estão atentos à voz das vossas súplicas”.

Na segunda Aparição, o Anjo disse ser o Anjo de Portugal e além da oração pediu sacrifícios de reparação. – “Que fazeis?... Oferecei constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios. De tudo o que puderdes oferecei um sacrifício em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores. Atraí assim sobre a vossa Pátria a Paz... Sobretudo aceitai e suportai com submissão o sofrimento que o Senhos vos enviar”.

Na terceira Aparição, deu-lhes a Sagrada Comunhão sob as duas espécies, ensinou-lhes a rezar à Santíssima Trindade e a oferecer o Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente nos sacrários, em reparação dos ultrages e indiferenças com que Ele é ofendido e a pedir pelos méritos infinitos de Cristo e de Maria a conversão dos pobres pecadores.”

Que bela e profunda pedagogia a do Anjo: primeiro ensina a orar, depois a oferecer sacrifícios e a reparar e finalmente dá-lhes a Eucaristia, sacrifício perene de reparação entre Deus e os homens.

Lúcia comenta: “A força da presença de Deus era tão intensa que nos absorvia e aniquilava por completo... Nesses dias fazíamos as acções materiais, levados por esse mesmo ser sobrenatural que a isso nos impelia. A paz e a felicidade que sentíamos era grande, mas só íntima, completamente concentrada a alma em Deus.”

Esta preparação do Anjo em relação aos pastorinhos, para as Aparições e mensagens de Nossa Senhora, foi tão clara que a mesma Lúcia não deixa de comparar umas com as outras; “Não sei porquê, as Aparições de Nossa Senhora produziam em nós efeitos bem diferentes: a mesma alegria íntima, a mesma paz e felicidade, mas em vez de abatimento físico, uma certa habilidade expansiva; em vez desse aniquilamento na divina presença, um exultar de alegria; em vez dessa dificuldade em falar, um certo entusiasmo comunicativo”. (*Mem. IV*). Noutra lugar: “As Aparições de Nossa Senhora e as do Anjo deixavam-nos sempre compenetrados do sobrenatural e em muita paz; mas com esta diferença, as de Nossa Senhora alentavam, davam expansão; as do Anjo (sobretudo a terceira) pelo contrário, davam tal aniquilamento, que a custo podíamos articular palavra”.

Assim o Espírito foi preparando aquelas três crianças – em oração, sacrifício e união com Cristo Eucarístico – para compreenderem e transmitirem, em simplicidade, inteligência e compreensão – a mensagem sobrenatural, reparadora e salvífica para a actual humanidade esquecida do Evangelho.

Já descobrimos os dois caminhos de Deus, aparentemente tão distantes, entre o Cónego Formigão e os três pastorinhos. Ele vivia entregue inteiramente à sua missão sacerdotal em Santarém. Em Lourdes sentiu uma moção forte e sobrenatural de se dedicar para sempre ao serviço da Virgem Imaculada. Em Fátima, o Anjo de Portugal preparava também os videntes para as Aparições de Nossa Senhora. Essas Aparições já decorriam com naturalidade nos dias 13 de Maio, Junho e Julho. No entanto o rapto do Administrador de Ourém em Agosto, obrigando as pobres crianças a segui-lo e por fim metê-las na prisão, causaram

indignação e repulsa. A notícia alastrou. E espontaneamente a curiosidade de acorrer a Fátima no seguinte dia 13 de Setembro generalizou-se a todo o Portugal. E o Cónego Formigão lá foi também. “Cedendo a um sentimento irresistível de curiosidade, justificado por factos tão extraordinários, embora sem lograr vencer de todo a repugnância que sentia em fazê-lo pelo receio de parecer dar uma importância excessiva ao que talvez não passasse de uma ridícula superstição, resolvi partir para Fátima juntamente com alguns amigos”... (em *A Guarda*, nº 657, de 13 de Setembro de 1919).

O Cónego Formigão esteve em Fátima mas reservado, longe do local das Aparições, pois não se afastou da estrada. Observou distante e escreveu: “Obrigado pelo amor da verdade, não quero concluir sem dizer que as minhas impressões do que se passou neste dia em Fátima não foram animadoras. Não me aproximei do local das Aparições, quase não falei com ninguém, ficando na estrada a cerca de trezentos metros de distância, e apenas constatei a diminuição da luz solar, que me pareceu um fenómeno sem importância, devido porventura à elevada altitude da serra. Continuei por isso, a manter-me numa prudente, posto que benévola, expectativa, como sucedia desde os acontecimentos de Agosto; porque deles esboçava invariavelmente um sorriso de absoluta incredulidade ao ouvir qualquer referência às Aparições de Fátima... Regressei de Fátima mais céptico do que nunca, apesar de me ter comovido bastante ao contemplar a fé ardente e a piedade sincera dos romeiros durante a minha longa viagem. Concorreu sem dúvida para isso a circunstância de me haver conservado na estrada, longe do local das Aparições, donde nada ou quase nada tinha podido observar” (*Ibid.* e nº 661 de 11 de Outubro de 1919).



No dia 29 de Setembro de 1917 escrevia estas palavras de oiro porque, alma aberta à verdade e aos desígnios de Deus, “em 13 de Outubro, quando voltar, irá obter a prova definitiva: A Igreja ainda não interveio, nomeando a respectiva comissão de inquérito; quando a nomear, a missão dessa comissão será relativamente fácil de cumprir. No próximo dia 13 de Outubro, ou tudo se desfará como por encanto, ou novas provas, inteiramente concludentes, virão confirmar as já existentes, em favor da realidade das Aparições da Virgem” (*Inédito do Arq. Formigão*).

O momento histórico do encontro do Cónego Formigão com os videntes, ocorreu a 27 de Setembro. Ele, ou céptico ou em expectativa, transcreveu o diálogo memorável dos santos, que se encontravam e até aí se desconheciam, com os Pastorinhos e sua família. Recorda ele: “No dia 27 de Setembro voltei lá (a Fátima) para interrogar os videntes, e confesso que me impressionou profundamente o tom de convicção e sinceridade com que descreviam os factos de que afirmavam ter sido testemunhas. Mas só no dia 13 de Outubro quando presenciei o fenómeno solar, é que reconheci a importância dos sucessos maravilhosos de Fátima e resolvi proceder por minha iniciativa e por mero prazer intelectual a um inquérito tão profundo e minucioso quanto o comportava o cumprimento dos meus deveres profissionais” (*Guarda, nº 754, de 22 de Abril de 1922*).

Finalmente, conduzidos por caminhos diferentes pelo Espírito de Deus, aquelas quatro almas, o Padre Formigão e os Pastorinhos encontravam-se e entendiam-se. Assim se cumpriram, inesperada mas providencialmente, os desígnios de Deus sobre Fátima.

Os seus diálogos com os Pastorinhos são o melhor testemunho que a história nos conservou para compreendermos, de alguma maneira, o significado das mensagens de Nossa Senhora e as riquezas sobrenaturais tanto dos Pastorinhos como do próprio Padre Formigão. Só os Santos entendem perfeitamente os santos. Os diálogos são simples, claros, directos, expressivos como tudo o que é de Deus. Conservaram-nos as grandiosas acções divinas naquelas crianças tão simples como inocentes. Sem afectações, sem encarecimentos, tão claras como a luz, tão lúcidas como as estrelas falavam do que sentiam, testemunhavam o que ouviram, conformavam a sua vida com os pedidos do céu. Estes diálogos com o Cónego Formigão serão sempre a melhor fonte para conhecer os Pastorinhos. E a sua pena inspirada deu a conhecer Fátima ao mundo: no jornal *“a Guarda”*, de 1918 a 1922: na fundação da *“Voz da Fátima”*, de que foi a alma e escreveu o primeiro editorial continuando sempre a publicar nela crónicas palpitantes ao longo da sua vida; fundou a revista *Stella* que ainda permanece igualmente e publicou livros, no estilo do tempo, mas preciosos, sempre com o pseudónimo de Visconde de Montelo que deram Fátima a conhecer a Portugal e, através dos autores que o copiaram, a levaram a conhecer ao mundo. A sua obra principal foi *“As Grandes Maravilhas de Fátima”* – subsídios para a história das Aparições e dos milagres de Nossa Senhora de Fátima”.

Finalmente, incumbido pela autoridade eclesiástica, redigiu o Relatório da Comissão encarregada de estudar oficialmente a veracidade das Aparições de Fátima que, a 13 e 14 de Abril de 1930, foi aprovado por unanimidade e levou o Sr. Bispo de Leiria D. José Alves Correia da Silva a declarar “dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria e a permitir oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima”.

Só isto bastaria para ele ser verdadeiramente o “Apóstolo de Fátima”.

Mas houve mais e não menos importante.

Nossa Senhora disse aos três Pastorinhos que “havam de sofrer muito”. E um dos maiores sofrimentos foi provocado precisamente pela afluência e curiosidade das pessoas que com frequência os interrogavam, os submetiam a inquéritos e lhes pediam orações pelas suas necessidades. Assim o seu sossego e a sua privacidade eram constantemente afectados. Lúcia tinha por isso recomendado segredo à Jacinta e ao Francisco. Mas a Jacinta, mais vivaça, não se pôde conter e contou aos pais. Conhecidas as Aparições, foi aumentando consideravelmente a afluência de gente e com ela os contínuos interrogatórios. O Francisco sofria bastante com isso e lamentava-se para a sua irmã: “Que pena! Se tu te tivesses calado ninguém o sabia. Se não fosse por ser mentira, dizíamos a toda a gente que não vimos nada e tudo acabava. Mas isso não pode ser” (*Mem. IV*). As provas constantes de interrogatórios, perguntas e pedidos, caíram com tanta força sobre Lúcia que a pobre pequena sentia tentação de dizer que fora mentira e assim acabar com tudo. Mas os primos protestavam: “Não faças isso! Não vês que agora é que vais mentir e que mentir é pecado? E Francisco ia-a animando: “Deixa lá! Não disse Nossa Senhora que íamos ter muito que sofrer para reparar a Nosso Senhor e o seu Imaculado Coração de tantos pecados com que são ofendidos? Eles estão tão tristes! Se com estes sofrimentos os pudermos consolar, já ficamos contentes” (*Mem. IV*).

Era tal o incómodo que lhes provocava a curiosidade frequente das pessoas que com o Francisco se passou significativamente este episódio tão natural como infantil. Um dia que a Lúcia e a Jacinta regressavam a

casa perguntaram à mãe pelo Francisco. Resposta da mãe: “Eu sei lá, cansei-me de o procurar toda a tarde; vieram aí umas senhoras que vos queriam ver. Vocês não estavam. Ele sumiu-se, não foi capaz de aparecer, agora procurem-no vocês”. Sentaram-se no banco da cozinha. Mas quando a mãe sai de casa logo lhes falou por um buracinho do forro do sótão, onde se tinha escondido e donde presenciara tudo o que se passava e exclamou: “Era tanta gente! Deus me livre se me apanhavam cá sozinho! O que é que eu lhes havia de dizer”? (*Mm. IV*).

Sofriam a impertinente embora natural curiosidade de toda a gente, fugiam quando podiam, mas o Padre Formigão entrara de tal modo na sua vida, que o recebiam com prazer e à vontade. Logo no primeiro encontro tanto o Francisco como a Lúcia apresentaram-se “com desembaraço” que “contrastava singularmente com o acanhamento e timidez excessiva da Jacinta”! Pois foi com a Jacinta precisamente que ele vai manter “colóquios íntimos misteriosos” que irão transformar a vida do venerando Padre Formigão e o levaram a ser fundador das Religiosas Reparadoras de Fátima. Escreveu ele: “Foram as revelações feitas por Nossa Senhora de Fátima a três videntes e, em Lisboa, à Jacinta, pouco antes do seu falecimento, que deram origem ao Instituto e nessas revelações encontrou o fim especial que tem em vista e que é a razão de ser da sua existência. A vida do Instituto está, pois, travada com a obra divina de Fátima; sem Fátima este não existiria (*Prática-Retiro-Conf. Prt.*). E como entende e explica ele Fátima? “Quando dois anos mais tarde (das Aparições) em colóquios íntimos e misteriosos com Jacinta Marto, a mais nova dos videntes, pouco antes do seu ditoso trânsito, lhe explicava o sentido desse díptico (oração e penitência), a ideia de reparação, já claramente focada nas comunicações feitas durante as aparições, tornou-

se mais precisa e mais clara ainda, aparecendo como razão de ser de toda a trama dos sucessos maravilhosos que, de Maio a Outubro de 1917, se desenrolaram no recinto histórico que a voz do povo chamava e chama ainda Cova da Iria”

Portanto o Padre Formigão concretiza a mensagem de Fátima principalmente na ideia de reparação que se tornou, para ele, mais clara nestes “colóquios íntimos e misteriosos” com a Jacinta. E assim conclui apelando ao seu carisma de fundador: “A causa da minha intervenção e de toda a minha acção na Obra (das Religiosas Reparadoras) foi um recado de Nossa Senhora, transmitido directamente para mim por intermédio da vidente Jacinta quando lhe apareceu nas vésperas da morte no hospital de D. Estefânia” (*Diário do Padre Formigão*).

Assim a ideia de reparação, como fim especial do Instituto, deu-lha Nossa Senhora por intermédio da Jacinta tanto nos “colóquios íntimos e misteriosos” como no recado que por ela lhe transmitiu pouco antes de falecer. Esta ideia foi depois confirmada no seu espírito pelo contacto com Lúcia directamente por ocasião da sua profissão religiosa. Deste modo Deus despertou nele o seu carisma de fundador e pôde concluir com segurança: “Compreende-se agora em face do que acabo de expor, aliás muito sucintamente, que o fim especial do nosso Instituto seja a reparação” (*Prática-Retiro, cd. Prt.*).

Deste modo, também e talvez sobretudo pela criação do Instituto das Religiosas Reparadoras, o Padre Formigão continua presente em Fátima e na sua mensagem.

É uma responsabilidade e um chamamento muito especial de Deus, poderdes continuar nas vossas vidas reparadoras a mensagem de Fátima que a Igreja aprovou e que a próxima beatificação de Jacinta e Francisco

vem confirmar de modo particular. Estais no caminho certo se fordes fiéis à vossa vocação: Ela requer de vós muita oração, muita penitência pelas ofensas e friezas dos homens para com os Corações de Jesus e de Maria. E agora, de modo especial a Igreja vai propor oficialmente à veneração de todos, aquela que esteve presente na fundação da vossa Congregação. Relede atentamente e imitai diariamente a vida de amor e reparação da Jacinta.

“O Rev. Dr. Manuel Nunes Formigão, relata-se na vida de *Jacinta de Fátima* (pág. 173) que muitas vezes se encobriu sob o pseudónimo de Visconde de Montelo, assistiu às duas últimas aparições da Cova da Iria e foi o primeiro sacerdote a tomar a sério essa manifestação do sobrenatural e a fazer aos Pastorinhos inquéritos conscienciosos e ordenados. Apesar dos videntes detestarem as perguntas e se esquivarem aos curiosos, deste sacerdote não o faziam por o verem sempre animado do desejo de conhecer a verdade. Indelével influxo exerceu ele nas almas generosas dos videntes. Lúcia relata-nos desta forma as suas impressões do primeiro contacto com ele:

“Interrogou-nos séria e minuciosamente. Gostei muito dele, porque me falou muito da prática da virtude ensinando-me alguns modos de a praticar. Mostrou-me uma estampa de Santa Inês, contou-me o seu martírio e animou-me a imitá-la. Sua Rev. cia continuou a ir lá todos os meses para o seu interrogatório, no fim do qual quase sempre me dava algum bom conselho com que me fazia algum bem espiritual. Um dia disse-me: - A menina tem obrigação de amar muito a Nosso Senhor por tantas graças e benefícios que lhe está concedendo. Gravou-se tão intimamente na minha alma esta frase – acrescenta Lúcia – que desde então adquiri o hábito de dizer constantemente a Nosso Senhor: Meu

Deus, eu vos amo em agradecimento pelas graças que me tendes concedido.

Comuniquei à Jacinta e a seu irmãozinho esta jaculatória de que tanto gostava e ela tomou-a tanto a peito que no meio das brincadeiras mais entretidas perguntava: Vocês têm-se esquecido de dizer a Nosso Senhor que O amam pelas graças que nos tem feito? (*Mm.II*).

Creio bem que a Jacinta está fazendo a mesma pergunta a todas as Irmãs Reparadoras. A mensagem do Coração de Maria em Fátima dirige-se à inteligência e ao coração de todos os homens. Mas é evidente que a Jacinta, através do Fundador, a está dirigindo particularmente a todas e a cada uma de vós. Isto é certamente o mais importante em Fátima. A constante insistência da Senhora dirigia-se à vida interior, à livre volta dos homens para Deus, à reparação sentida e vivida pelas ofensas cometidas contra o amor dos Corações de Jesus e Maria. Em todas as aparições era essa a sua constante recomendação.

Hoje, quando falamos de Fátima, provavelmente logo pensamos na Basílica, na longa esplanada até à colunata encimada pelos “santos marianos”, nas novas instalações planeadas e no seu desenvolvimento espectacular. Se só pensamos nisso ou lhe damos excessiva importância, desfiguramos a mensagem da Senhora. Esta dirigiu-se principalmente, para não dizer exclusivamente, ao coração e à liberdade dos homens e à sua conversão decidida para Deus.

Já no Antigo testamento quando os israelitas julgavam cumprir a lei sobretudo em solenes holocaustos de vítimas de animais, Ele adverte: “Não aceito os novilhos da tua casa nem os cabritos dos teus rebanhos. A Mim pertencem todas as flores das florestas e os animais dos montes aos milhares. Conheço todas as aves do céu e disponho de todos os animais

do campo. Se tivesse fome não to diria, porque meu é o mundo e tudo o que nele existe. Comerei porventura a carne dos touros ou beberei o sangue dos cabritos?” E logo o salmista inspirado exprime o que o Senhor pretende: “Ofereci a Deus sacrifícios de louvor e cumpri os votos feitos ao Altíssimo” (*Salmo 49*).

Nestas palavras do Salmo Deus manifesta claramente que os esplendores materiais e as mesmas grandiosidades externas não são o que Ele em verdade aprecia e o que de facto lhe podemos e devemos dar e oferecer. Por isso a Jacinta também exclamava: “Se eu pudesse meter no coração de toda a gente o lume que tenho cá dentro do peito a queimar-me e a fazer-me gostar tanto do Coração de Jesus e do Coração de Maria!”

Portanto se encararmos os acontecimentos de Fátima com olhos de ver, quando pensamos neles, não devemos considerar principalmente as construções e os espectáculos externos mesmo grandiosos, mas olhar e descobrir o reflexo da sua mensagem na inteligência e nos corações. É esse o pensamento expresso de Deus e de Maria.

Por isso, minhas Irmãs, um dos pontos mais altos e verdadeiros de Fátima é o vosso humilde Instituto, fruto do pedido da Senhora através da Jacinta, porque vos propondes sobretudo entregar os vossos corações, a vossa vontade e a vossa vida inteiramente, sem restrições humanas, a reparar as ofensas que se cometem contra o amor de Deus ofendido e da Senhora das Dores. É a mais funda compreensão e a verdadeira resposta à mensagem de Fátima e que portanto encerra uma amorosa responsabilidade e um estímulo de vida! O Fundador e a Jacinta, em “colóquios íntimos e misteriosos” arderam na mesma chama e que mais desejaram eles do que transmiti-la aos vossos corações? Minhas Irmãs, deixai-vos queimar nessa chama. A vossa tarefa é prolongar vivamente a



mensagem da Senhora: em oração, sacrifício, reparação, entrega e realizar e difundir as riquezas da Eucaristia. Essa chama dos vossos corações é o que há de principal em Fátima e o que Deus espera e olha com ternura. Tudo o mais vale pouco e, sem chamadas não vale nada.

Por isso a vossa missão aqui “insere-se na oblação de Cristo e no mistério da redenção. Oferecendo a vossa vida” atentas também aos mensageiros de Fátima, “participais com Cristo na salvação do mundo através da vivência do espírito de reparação”. Assim, para vós, “reparar é antes de mais aceitar a vontade de Deus, que se vos manifesta através da Igreja, das decisões e realizações da Congregação e dos acontecimentos da vida pelos quais Deus vos faz participar da reparação de Cristo” ... “Por isso fazeis a Promessa Especial de Reparação”. Esta promessa, ecoando na vossa vida, como ecoou na vida dos Pastorinhos, leva-vos a descobrir o apelo e forma de oração, a prática dos votos e de uma vida comunitária sã e familiar, o estilo de governo, o vosso lugar nas obras de Evangelização, enfim o vosso modo de estar e viver na Igreja e no mundo, intimamente unidas à missão de Jesus. Daqui nasce o dever de procurardes dar continuamente ao dia a dia a maior riqueza espiritual, mesmo que exija, como exigiu à Jacinta e ao Padre Formigão, muitos sacrifícios e profundas renúncias.

Para alimentar a vida de reparação, tal como aconteceu aos Pastorinhos em Fátima através do Anjo, deveis ter como centro da vossa espiritualidade a Eucaristia, mistério pascal renovado, onde Jesus se oferece pela humanidade. A participação neste mistério deve ser o momento mais importante do vosso dia. Unidas a Cristo, ofereceis diariamente ao Pai o vosso trabalho, a vossa oração, os vossos sofrimentos e mesmo as vossas alegrias por todos os homens,

contribuindo para que estes encontrem em Cristo, na Eucaristia, o sacramento do amor” (*Vid. Constituições, cap. I*).

A Jacinta estava certo dia muito triste por ter de ir para Lisboa. A Lúcia consolou-a com estas palavras: “É pouco tempo. Podes passá-lo a pensar em Nossa Senhora, em Nosso Senhor e a dizer muitas vezes essas palavras de que gostas tanto” “Meu Deus, eu vos amo; Imaculado Coração de Maria, Doce Coração de Maria, etc. – Isso sim, respondeu com vivacidade – não me cansarei nunca de dizê-las até morrer. E depois hei-de cantá-las muitas vezes no céu”.

Minhas Irmãs, vamos acompanhar com as nossas vidas reparadoras, cá na terra, enquanto vivermos, este cântico da Jacinta e certamente do nosso Fundador, lá no céu. Só assim será um êxito e uma alegria profundamente conseguida ser Religiosa Reparadora de Nossa Senhora das Dores de Fátima. Está nas vossas mãos, com a graça de Deus, o tesouro das vossas vidas e nelas o poderdes realizar e proclamar as maravilhas e desígnios de Deus na mensagem de Fátima.

Pe. Dr. Lúcio Craveiro da Silva, SJ

2000.02.20